

Minha Biografia Escolar

INTRODUÇÃO

O presente livro digital apresenta minha autobiografia escolar, na qual exponho, em linhas gerais, minha trajetória acadêmica, desde a Educação Infantil até o Mestrado em Direito Empresarial, abordando, também, alguns aspectos de minha carreira profissional como advogada e professora do Curso de Direito.

Busquei obedecer à ordem cronológica dos acontecimentos rememorados de modo a explorar, de forma crítica e reflexiva, os principais pontos de meu desenvolvimento intelectual e profissional, bem como, o modo como fatos e pessoas influenciaram este caminho, até os dias atuais, como aluna da Graduação em Pedagogia.

Ainda, das narrativas das situações e acontecimentos vividos, procurei demonstrar o grande destaque que a Pedagogia Tradicional assumiu em todos os níveis de minha escolarização, buscando para tanto adotar um posicionamento crítico a respeito, sobretudo relativamente aos anos vindouros, a saber, como pretenderei me posicionar em sala de aula como futura profissional da Pedagogia.

1 - A Educação Infantil

Lembro-me nitidamente do primeiro dia de aula da minha vida. Era uma tarde ensolarada, logo depois do horário do almoço, quando adentrei, pela primeira vez, no “Jardim Azul do Imaculada Conceição”. Indo na direção de minha sala de aula, de mãos dadas com minha prima mais velha, Teresa, senti-me imensamente feliz ao passar pelo “parquinho” e avistar brinquedos gigantes, dentre os quais um viria a ser o meu favorito – a barca balanço que comportava cerca de três a quatro crianças de cada lado e ia alto, de um lado ao outro, quase alcançando o céu...

Em algum lugar do pátio, havia, para mim, um local mágico, repleto de grandes árvores, flores coloridas e o que mais me encantava: uma casinha branca, com três cômodos mobiliados com toda sorte de apetrechos infantis na qual podíamos entrar para brincar! Era uma casa de verdade, mas exatamente do meu tamanho... Qual não foi a minha tristeza e desapontamento quando, certo dia, como de costume, ao ir ao encontro da “minha casinha”, percebi que ela não mais estava em seu lugar de sempre... Procurei por ela em todos os cantos do jardim, mas nunca mais a encontrei...

De qualquer forma, a hora do recreio era a mais esperada por todas as crianças! Era no pátio, que vivíamos os melhores momentos de nossas tardes: brincávamos de faz de conta, fazíamos “construções” no tanque de areia, revezávamos nos brinquedos, podíamos ficar livres, correr e pular! O parquinho era, sem sombra de dúvidas, o local mais incrível de toda a escola!

As aulas de artes eram também muito esperadas, já que, uma “montanha” enorme de argila desforme nos aguardava para receber formatos dos mais inusitados. Era uma bagunça permitida, já que, naquele momento, podíamos usar e abusar da criatividade sem medo de sujarmos nossas mãos ou nossos uniformes.

O horário da soneca era para mim um grande sofrimento... Já “forçadamente” deitada em meu colchãozinho, não entendia como as outras crianças conseguiam dormir tão facilmente... Para mim, era mais um suplício, uma perda de tempo em que poderíamos estar brincando, correndo, pulando... Mas, precisava obedecer... Assim, ficava quietinha esperando que aquela uma hora de “tortura” passasse bem rápido.

Gostava muito de levar café para o meu lanche na escola... Ele nem ficava gostoso, pois até a hora do recreio, já estava frio... Mas gostava mesmo assim... Certa vez, na rodinha da merenda, deixei entornar o conteúdo de minha garrafinha e o café derramou todo pelo chão... A freira responsável ficou muito brava comigo e, aos berros, mandou que eu limpasse aquela sujeira... Senti-me extremamente envergonhada e, por anos, abandonei totalmente o cafezinho, hábito que voltei a ter somente depois de adulta...

Fui crescendo, aprendi a ler e a escrever pelo método “Casinha Feliz”. Adorava ir às aulas, acompanhar as aventuras de Vavá, Vevé e Vivi! Gostava especialmente quando chegava o meu dia de ser ajudante da professora! Sentia-me notadamente especial com tantos afazeres na sala de aula! Seria este talvez um prelúdio de minha vocação para a Pedagogia?

Em nosso último dia de aula do pré-primário, fizemos um lindo número musical para nossas famílias na qual nos vestimos de palhacinhos. Foi um sucesso, já que estávamos muito bem ensaiados! Em seguida, estava programado o sorteio de uma palavra aleatória para cada criança que, por sua vez, deveria escrevê-la no quadro negro sem nenhum tipo de ajuda. Minha palavra foi telefone... Que vergonha eu passei... Escrevi a minha palavra com um acento circunflexo inexistente... TELEFÔNE... Fui prontamente consolada por minha mãe e pela professora, mas não me perdoava por haver cometido aquele erro grotesco... Hoje, em minhas aulas de Psicologia na Faculdade de Educação, aprendi que tal “erro”, na verdade, era tão somente uma das etapas da construção da escrita e, portanto, natural para o nível ortográfico de uma criança de seis anos... No entanto, àquela época, só o que me fez esquecer minha “falha” na escrita foi a promessa de que, no ano seguinte, não estudaria mais entre os pequenos... Iria estudar no “Colégio Grande”!

2 - O Ensino Fundamental

Estudei no Colégio Imaculada Conceição até quatorze anos de idade, quando finalizei a oitava série do primeiro grau em 1987. Posso dizer que lá vivi momentos felizes e outros nem tanto... Dentre esses últimos, lembro-me da minha angústia quando das arguições orais, sobretudo nas matérias de Português, História e Geografia... Era preciso saber o tempo verbal do verbo que nos solicitassem...

Precisávamos decorar toda a lição de História, caso chegasse, de surpresa, a nossa vez de apresentar...

Também, deveríamos apontar no mapa os países que a professora sorteasse... Havia também as olimpíadas de matemática que, na verdade, não passavam de uma arguição oral da tabuada ou uma "ida compulsória" até o quadro para a solução de operações... Não é à toa que, até os dias de hoje, sonho repetidamente que não fiz o dever de casa ou não me preparei o suficiente para uma prova...

Contudo, como já mencionado, momentos felizes também existiram! O mês de junho era o meu predileto, pois com ele vinha a festa junina! Era o mês inteirinho de preparação para a festa com ensaios da quadrilha e organização de “gincanas” pelas freiras. Cada um das salas de aula era uma equipe que concorria entre si na arrecadação de ingredientes e produtos que seriam usados para a elaboração dos quitutes juninos. Quando finalmente chegava o grande dia, passávamos o dia todo no Colégio! Tudo era enfeitado com bandeirolas coloridas! Todos nós nos vestíamos “a caráter” e cada série tinha seu horário de dança pré-definido. As comidinhas eram deliciosas e, até hoje, sinto saudades especialmente da torta de nozes e da pizza de tabuleiro que as mães preparavam para a ocasião...

No Colégio Imaculada Conceição fui muito feliz e fiz grandes amizades! Contudo, naquela época, veio uma vontade grande de mudar de escola... Assim, pedi aos meus pais para cursar o ensino médio, ou melhor, àquela época, o “Científico”, em outro colégio.

3 - O Ensino Médio

Fui aprovada no teste de seleção do Colégio Marista Dom Silvério e lá estudei por três anos, a saber, de 1988 a 1990. O Colégio Marista não era muito diferente do Colégio Imaculada Conceição, a não ser por ser um pouco mais “apertado”, sobretudo nas áreas de exatas e biológicas. Contudo, de maneira geral, o método de ensino era também o tradicional, com aulas expositivas ministradas pelos professores. O processo de avaliação também era semelhante, pois continha provas dissertativas e objetivas, além, é claro, das arguições... De modo geral, gostava muito das matérias, com exceção de matemática e física que sempre foram um “pesado fardo” para mim... Lembro-me de precisar estudar muitíssimo para me sair bem nas avaliações e ser aprovada...

No terceiro ano científico (terceiro ano do ensino médio), éramos divididos em salas de aula de acordo com a área do curso superior para o qual faríamos o vestibular. Naquela época, havia decidido fazer Odontologia! Assim, no meu caso, as aulas de biológicas eram mais intensificadas do que as aulas de humanas e exatas.

Quando fui fazer a inscrição para o vestibular na Universidade Federal de Minas Gerais, só era permitido eger um curso para realizar a prova, e então escolhi Odontologia... Felizmente, não fui aprovada, pois creio que seria péssima dentista... Já na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, além de me inscrever para o vestibular de Odontologia, me inscrevi também para o vestibular de Direito, pois as provas seriam realizadas em horários distintos.

Penso que a opção pelo curso de Direito era subsidiária, meu “plano B”, mas sabia que faria meus pais imensamente felizes caso me tornasse advogada... Àquela época, com apenas 17 anos de idade, não sabia verdadeiramente o que me faria feliz na área profissional... Assim, fui, mais uma vez, reprovada em Odontologia, mas aprovada no vestibular de Direito. De qualquer modo, encontra-me imensamente feliz, afinal, eu seria a partir de então, uma “universitária”!

4 - A Universidade

Em fevereiro de 1991, iniciei o curso de Direito na PUC-Minas, campus Coração Eucarístico. Eu amava estar na Faculdade e ser uma “filha da PUC”...

Gostava especialmente da atmosfera do campus, da biblioteca, da convivência com os colegas. Como também sempre gostei de estudar, ler e escrever, tal foi suficiente para que eu me formasse com boas notas.

Relativamente ao curso em si, posso dizer que nunca amei, mas também não era de todo insuportável...

Creio que o curso de Direito é uma modalidade de formação que todos deveriam ter acesso, pois amplia as perspectivas do ser humano em diferentes âmbitos e aspectos, além de proporcionar a assimilação de uma bagagem de conhecimentos que, infelizmente, é praticamente inexplorada nos ensinamentos fundamental e médio.

Creio que o mais “difícil”, no dia-a-dia do curso, era o fato de que as aulas eram extremamente engessadas e demasiado expositivas. Aulas dialogadas eram praticamente inexistentes e o senso crítico dos alunos me pareceu muito pouco explorado pelos professores.

Valorizava-se mais a teoria do Direito, as diferentes correntes teóricas existentes, os aspectos materiais das leis, das Jurisprudências e o Direito positivado. Não havia diálogo entre os professores e alunos e as únicas discussões existentes se limitavam à solução de casos concretos nos moldes da teoria.

Assim sendo, o modelo pedagógico tradicional de ensino também perdurou por toda a faculdade. Ainda, para meu espanto, não foi dessa vez que me vi livre das arguições, pois as provas orais eram muito comuns. Também, mesmo nas provas dissertativas, era imperioso que conceitos, características e informações formais aprendidos nos manuais de Direito ou ditados pelos professores em sala de aula fossem fielmente reproduzidos para que se pudesse alcançar boas notas.

Formei-me em dezembro de 1995, e obtive a inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil no início do ano seguinte. Tentei, por alguns meses, prestar alguns concursos públicos, mas parecia exaurida, sem concentração e força para me dedicar aos estudos. Pela primeira vez em minha vida, me sentia cansada de estudar... A esta altura, já me encontrava ávida por ter meu próprio salário, visto que, até então, só havia feito estágios na área... Fiz, então, entrevista de emprego para um famoso escritório de advocacia de Belo Horizonte. Fui admitida e comecei minha carreira como advogada.

5 - A Vida Profissional

Permaneci no mesmo escritório por anos... Confesso que, profissionalmente, foram anos difíceis, pois nunca me adaptei verdadeiramente ao dia-a-dia do escritório e ao fato de que o advogado lida tão somente com problemas... Nunca tive apreço pelo lado contencioso da advocacia e nem tão pouco pela lide...

No ano de 2005, recebi o convite de um colega advogado para ministrar aulas de Direito em um curso na cidade de Oliveira/ MG, do qual ele era supervisor. Para tanto, precisaria obter uma titulação como Especialista. Assim, objetivando tal vaga, realizei uma Pós Graduação “Lato Sensu” em Direito Civil pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro.

De posse da titulação, três vezes por semana, ia até Oliveira para ministrar as aulas no turno da noite! Era bastante cansativo, pois ia dirigindo e a viagem de ida e de volta para casa durava cerca de duas horas cada. Mas, mesmo assim, nunca havia sido tão realizada! Posso dizer que amei a docência! Finalmente, havia me encontrado profissionalmente!

No semestre seguinte, veio o convite para ministrar aulas de Direito na PUC Barreiro. Seria admitida como professora temporária, sendo que a contratação se dava por um semestre com renovação para o semestre seguinte e, após, intervalo de mais um semestre sem ministrar aulas... A regra era essa, vez que a primazia das vagas era dos professores titulares, já previamente admitidos em concurso realizado pela própria PUC. Como novos concursos não foram abertos para o curso de Direito, o jeito era continuar sendo professora temporária... Não havia problema, pois amava o que fazia!

Amava tanto que senti a necessidade de estudar e me especializar mais! Assim sendo, no ano de 2010, me inscrevi na prova de Mestrado em Direito Empresarial na Faculdade de Direito Milton Campos. Fui aprovada! Durante um ano, cumpri os créditos exigidos e, no ano seguinte, nos intervalos de minha atividade profissional, me dediquei à escrita e defesa de minha dissertação: “O Dolus bonus na Publicidade Empresarial”. Obtive, assim, a titulação de “Mestre” em Direito Empresarial

Posso afirmar, com toda certeza, que a Pedagogia Tradicional, com todas as características e nuances que lhe são próprias, foi a tendência escolar predominante e prevalentemente utilizada pelos professores, ao longo da minha vida acadêmica, sendo também uma constante mesmo durante o período de minha Especialização em Direito Privado, bem como, durante o cumprimento dos créditos necessários à aquisição do título de Mestre em Direito.

No ano de 2015, as contratações temporárias para o curso de Direito na PUC foram drasticamente reduzidas como medida da supervisão da faculdade. Com isso, infelizmente, perdi meu acesso à docência naquela Instituição. Também, tendo em vista os perigos das idas e vindas, na estrada para Oliveira, acabei por abandonar o meu cargo como professora titular de Direito das Sucessões no interior. Continuei, então, tão somente a me dedicar à advocacia não contenciosa, mais voltada para a elaboração e celebração de Contratos e Acordos Cíveis.

Foi na pandemia que, diante da constatação explícita da fragilidade da condição humana, deparando-me com a vicissitude de nossas vidas, e com o fato de que o nosso presente é precioso demais para ser desperdiçado, é que me senti forte o suficiente para buscar a realização de meu sonho: voltar à docência! Desta feita, procuraria um curso que me realizasse profissionalmente! Faria Pedagogia! Para tanto, me inscrevi no ENEM de 2021. Estudei sozinha as matérias que julgava haver esquecido, e, felizmente, através da seleção feita pelo SISU, pude ter acesso à Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais!

Eis que chego, então, aos dias atuais!

Encontro-me plenamente satisfeita em minha segunda graduação!

De modo muito diverso do Curso de Direito, o Curso de Pedagogia tem sido extremamente instigante e desafiador. As aulas são interessantíssimas, com abordagens de temas relevantes e atuais. Os ensinamentos ministrados e os debates realizados, em sala de aula, muito têm contribuído, não somente para uma nova formação acadêmica e profissional, mas também para meu desenvolvimento como ser humano consciente, reflexivo, crítico e como cidadã politizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do conhecimento das práticas pedagógicas existentes e das reflexões advindas dos debates, dos seminários e atividades desenvolvidas nos Curso de Pedagogia, tem sido possível refletir como a Pedagogia Tradicional conduziu toda a minha trajetória acadêmica e o quão prejudicial tal fato foi para a minha formação profissional.

Ainda, ficou claro, como eu, no exercício profissional da docência, como professora do Curso de Direito, da mesma maneira que os meus professores do passado, não consegui me desvencilhar desta mesma modalidade pedagógica.

Percebi que minhas aulas eram também engessadas, demasiado expositivas e teóricas, voltadas para a disseminação dos conteúdos sistematizados e elencados no currículo da faculdade. Ainda, ficou notório que as avaliações que tive a oportunidade de conduzir procuravam apurar, principalmente, a memorização de conteúdos ministrados, sem levar em conta qualquer questionamento crítico ou reflexivo por parte dos discentes.

Contudo, por todo o exposto, posso também afirmar que, dentre recordações alegres e outras nem tanto; dentre percepções de enganos e novas tentativas de acerto, o saldo de minha vida acadêmica e profissional, até a presente data, tem sido positivo! Há ainda muito a melhorar, a avançar em sabedoria, cultura e conhecimento, sobretudo relativamente à docência e ao ambiente escolar.

Por certo, disposição e vontade nunca me faltarão, eis que o desejo de aprender mais e mais é o que me move!

Muito espero desta nova graduação em Pedagogia! Não sei por onde meus caminhos irão se enveredar, mas, com toda certeza, plantando meu sonho, no presente, colherei bons frutos, no futuro, afinal, tudo o que se faz com amor e dedicação, por certo, prosperará!